

**ESCUA, ATENÇÃO E VIGILÂNCIA:  
A INFLUÊNCIA DA IDEOLOGIA CALIFORNIANA NA MÚSICA**

*LISTENING, ATTENTION, AND SURVEILLANCE:  
THE INFLUENCE OF CALIFORNIAN IDEOLOGY ON MUSIC*

*ESCUCHA, ATENCIÓN Y VIGILANCIA:  
LA INFLUENCIA DE LA IDEOLOGÍA CALIFORNIANA EN LA MÚSICA*

**THIAGO MENINI<sup>1</sup>  
VINICIUS ANDRADE PEREIRA<sup>2</sup>**

Submissão: 29/08/2023

Aprovação: 29/11/2023

Publicação: 22/12/2023

<sup>1</sup> Doutorando no programa de pós-graduação em Comunicação Social da UERJ, desde 2019; Mestre pelo PPGCOM UFJF na área de concentração de Estéticas, Redes e Linguagens (2016). Formação em música pelo Conservatório Estadual de Música Haideé França Americano.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6691-783X> – E-mail: [thiogomenini@hotmail.com](mailto:thiogomenini@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor da Faculdade e do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UERJ. Visiting Professor at Winchester School of Art (University of Southampton) (Bolsa Capes – 2023).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3593-2521> – E-mail: [vinianp@gmail.com](mailto:vinianp@gmail.com)

## **RESUMO**

O artigo propõe uma análise da produção e consumo de música a partir dos ideais da Ideologia Califórnia. Entende-se que essa ideologia contém elementos para compreender os avanços da tecnologia contemporânea e as diversas práticas que dela derivam. Considera-se a transformação dos diversos aspectos da vida cotidiana a partir da cultura digital, a *datificação* das informações e a automação de competências. O que será observado a partir dos *home studios* e a cultura do Faça Você Mesmo (*Do-it-Yourself* – ou DIY) e da plataformização dos conteúdos culturais, na coleta de dados pessoais e o capitalismo de vigilância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escuta. Música. Atenção. Vigilância. Plataformização.

## ABSTRACT

The article proposes an analysis of the production and consumption of music based on the ideals of the California Ideology. It is understood that this ideology contains elements to comprehend the development of contemporary technology and the various practices derived from it. The transformation of various aspects of daily life is considered through the lens of digital culture, the datafication of information, and the automation of skills. The study will examine aspects such as home studios and the *Do-it-Yourself* (DIY) culture, as well as the platformization of cultural content, in the context of personal data collection and surveillance capitalism.

**KEYWORDS:** Listening. Music. Attention. Surveillance. Platformization.

## RESUMEN

El artículo propone un análisis de la producción y consumo de música desde los ideales de la Ideología de California. Se entiende que esta ideología contiene elementos para comprender los avances de la tecnología contemporánea y las diversas prácticas que de ella se derivan. Se considera la transformación de varios aspectos de la vida cotidiana a través de la cultura digital, la datación de la información y la automatización de competencias. Se examinarán aspectos como los home studios y la cultura del Hazlo Tú Mismo (*Do-it Yourself* - DIY), así como la plataforma de contenidos culturales, en el contexto de la recopilación de datos personales y el capitalismo de vigilancia.

**PALABRAS CLAVE:** Escucha. Música. Atención. Vigilancia. Plataformización.

## INTRODUÇÃO

Em 15 de maio de 1969, o governador Ronald Reagan ordenou à polícia – portando armas – que fizesse um ataque surpresa matinal aos manifestantes *hippies* que haviam ocupado People's Park, perto do campus Berkeley da Universidade da Califórnia. Durante a batalha subsequente, um homem foi baleado e morto e 128 outras pessoas precisaram de tratamento hospitalar. Naquele dia, o mundo “careta” e a contracultura pareceram ser implacavelmente opostos. (BARBOOK & CAMERON, 2018, p. 13)

Duas forças opostas estavam em jogo, nesse dia fatídico, relatado por Barbook e Cameron: de um lado a luta contra o *establishment* na defesa do liberalismo social e a desburocratização da vida; do outro, a afirmação da visão liberal da economia, a defesa do

livre mercado e a não intervenção do Estado, ainda que, paradoxalmente, a polícia representasse este no episódio em questão.

De maneira surpreendente, 30 anos depois, os dois grupos antagônicos, os “caretas” e os *hippies*, colaboram em favor de uma, até então, improvável aliança. Aliança esta que ganha ares de ideologia – nomeada *Ideologia Californiana* – e que nas palavras dos autores citados pode ser entendida, fundamentalmente, como uma mistura de determinismo tecnológico da era da informação e o individualismo libertário. Nutridos por essa vigorosa e pujante ideologia, empresas de tecnologias, como o Google, o Facebook e a Apple, emergiram transformando radicalmente modelos de negócios midiáticos, outrora controlados por conglomerados de comunicação massiva, trazendo soluções e desafios para as dinâmicas de comunicação no contexto do mundo globalizado. (BARBOOK & CAMERON, 2018, p. 13).

As últimas décadas trouxeram mudanças intensas no cenário midiático-comunicacional, com o aprimoramento da capacidade de processamento dos computadores e da internet, além da criação das redes sociais e das plataformas digitais. Panorama que alterou drasticamente a relação das pessoas com as informações, principalmente pela disponibilidade de novas formas de consumo, produção e curadoria de conteúdo. Tal cenário trouxe, ainda, modulações da própria ideologia em jogo. De uma crença na descentralização das informações e no seu acesso livre, gratuito e global – ideal romântico que era parte constitutiva da cultura *hippie* – passou-se a apostar em uma internet mais centralizada e controlada, a partir do uso de sofisticados algoritmos, que buscam lucro por meio do monitoramento constante das atividades online dos usuários. Aqui afirma-se, inequivocamente, a porção econômica da aliança forjada.

Considerando o contexto minimamente delineado, o presente artigo<sup>1</sup> persegue a hipótese de que a Ideologia Californiana possa estar enraizada na gênese tecnológica das atuais dinâmicas de produção e consumo de música. O que poderá ser observado em todo um conjunto de tecnologias, que serão abordadas a partir da ideia dos *homestudios* e das plataformas que permeiam e regulam as sociedades contemporâneas.

No percurso a ser empreendido, exploramos o contexto no qual emerge a Ideologia Californiana, bem como suas aparentes contradições, o que permitirá entender como a incipiente cultura digital dos anos 2000, permeada pela ideia romântica de uma democracia informacional digital, desencadeou o atual contexto do capitalismo de vigilância e de coleta de dados pessoais. Esse processo será demonstrado por meio de uma breve descrição das transformações na indústria musical, culminando na presente era dominada pelo *streaming*.

Proporemos que, se por um lado, as atuais tecnologias democratizaram o modo de se produzir e divulgar os conteúdos, por outro, paradoxalmente, tais práticas se encontram cada vez mais individualizadas e personalizadas, reafirmando uma das muitas contradições e ambivalências da Ideologia Californiana.

## A IDEOLOGIA CALIFORNIANA

Os *hippies* radicais eram liberais no sentido social da palavra. Eles defendiam ideais progressistas, universais e racionais, como a democracia, tolerância, auto satisfação e justiça social. [...] Outros, em contraste, acreditavam que o progresso tecnológico inevitavelmente tornaria seus princípios libertários em fatos sociais. Mais importante, influenciados pelas teorias de Marshall McLuhan, estes tecnófilos pensavam que a convergência da mídia, da computação e das telecomunicações criaria inevitavelmente a *ágora eletrônica* – um lugar virtual onde todos poderiam expressar sua opinião sem medo de censura (BARBOOK & CAMERON, 2018, p. 14 e 15).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho revisado e modificado para submissão neste dossiê.

A gênese da Ideologia Californiana está, como mencionado, na então pouco provável junção da boemia cultural de São Francisco com a cultura da produtividade e eficiência das emergentes indústrias tecnológicas que fariam a fama do Vale do Sílico. É nesse sentido que Barbrook e Cameron, interpretam a Ideologia Californiana como “uma estranha aliança de escritores, hackers, capitalistas e artistas da costa oeste dos EUA [que] teve sucesso em definir uma ortodoxia heterogênea para a era da informação vindoura” (*ibid*, p. 12). Em outras palavras, a atual era da informação é o resultado da consolidação desse amalgama de indivíduos que depositavam uma profunda fé no potencial emancipador, mas também lucrativo das tecnologias de comunicação e informação.

Eram artistas e acadêmicos munidos dos ideais da extropia<sup>2</sup> combatendo a decadência entrópica da sociedade, visando elevar a inteligência, aumentar a expectativa de vida, aprimorar a agudez dos sentidos, refinar a personalidade e aperfeiçoar a ordem social. A crença era a de que para atingir tais objetivos, atitudes e valores de cunho humanista deveriam ser cultivadas e aliadas ao uso de tecnologia. Inclusive aquelas que implicariam intervenções diretas no organismo humano.

Uma concepção tecnológica, que segundo Paula Síbilis, trata-se de um pacto fáustico, de corpos que buscam transcender ao divino através da tecnociência. “Intimidados pelas pressões de um meio ambiente amalgamado com o artifício, os corpos contemporâneos não conseguem fugir das tiranias (e das delícias) do *upgrade*” (SIBILIS, 2003, p. 13). Um corpo que em sua obsolescência, busca romper com a tradição prometeica, que entende que há um certo limite daquilo que pode ser conhecido e inventado. “Um saber que almeja melhorar as condições de vida dos homens através da tecnologia, graças à dominação racional da natureza” (*ibid*, p. 44).

Assim, é justamente com a dubiedade inerente a tal ideologia que o artigo produz sua hipótese, ao entender que a tecnologia inicialmente proporcionou a descentralização das

---

<sup>2</sup> Um neologismo cunhado por Tom Bell (T.O. Morrow) e definido por Max More (1988) para descrever um conjunto de valores que buscam remediar a entropia.

formas midiáticas tradicionais, permitindo a emancipação de músicos e produtores. Contudo, na terceira década do século XXI, essa liberdade parece estar se tornando cada vez mais relativa ou, mesmo, ambígua. Neste sentido, o termo ambiguidade parece enfatizar um aspecto singular e característico da Ideologia Californiana. Um amálgama dos valores progressistas contraculturais fagocitados pelo liberalismo, o que se assemelha à perspectiva de Mark Fischer, no argumento de que é mais simples conceber o apocalipse ao fim do capitalismo. “O capitalismo é o que sobra quando as crenças colapsam ao nível da elaboração ritual e simbólica, e tudo o que resta é o consumidor-espectador, cambaleando trôpego entre ruínas e relíquias” (FISCHER, 2009, p. 13).

A Ideologia Californiana pode ser compreendida, em uma de suas dimensões, a partir do espectro progressista, uma vez que enfatiza valores como tolerância, diversidade e liberalismo social – advogando a favor dos direitos civis, inclusão e igualdade. Além disso, essa ideologia demonstra uma preocupação significativa com o meio ambiente e práticas sustentáveis, incorporando a noção de uma sociedade ecologicamente ideal, muitas vezes referida como a ecotopia<sup>3</sup>.

Por outro lado, faz-se igualmente presente a valorização da inovação e do empreendedorismo no âmbito tecnológico, atentas ao aumento da produtividade e dos lucros, pontos diretamente relacionados ao mercado. A presença de grandes empresas de tecnologia na Califórnia não é fortuita considerando esta questão, com empresas como Google, Facebook e Apple abraçando e promovendo cada vez mais valores tradicionalmente ligados ao liberalismo econômico.

Veremos, em seguida, como a cultura musical do novo século refletia os aspectos libertários e, também, mercadológicos da Ideologia Californiana.

---

<sup>3</sup> A ecotopia é um conceito que remete a uma visão utópica de uma sociedade ecologicamente sustentável e harmoniosa com o meio ambiente. A expressão é frequentemente associada ao título do romance *Ecotopia: The Notebooks and Reports of William Weston*, escrito por Ernest Callenbach, em 1975.

## HOME STUDIO: TRIUNFO DO INDIVÍDUO

A efervescência tecnológica do início dos anos 2000 foi marcada pelo otimismo da democrática cibercultura, no presságio de um mundo interconectado e livre. Contexto marcado pelo afrouxamento do poder dos grandes conglomerados, pela globalização e pelos fluxos econômicos emergentes. Houve um abalo das tradicionais mídias massificadas, dando lugar a novas formas de produção e difusão de conteúdo. Um movimento parte da cultura DIY (*Do-it-Yourself*), endossado pelos *home studios* – estúdios de música caseiros, mas que se aproximavam cada vez mais da qualidade de estúdios profissionais, em função do barateamento de difusão das tecnologias digitais voltadas para a música.

O *home studio* é entendido como um espaço de produção, geralmente residencial, equipado com instrumentos musicais, *hardware* de áudio, microfones, *software* de gravação e produção, as famosas DAW (*digital audio workstation*) e dispositivos de monitoramento. Na imagem a seguir (Figura 1) vemos também um controlador MIDI (similar a um piano digital) para enviar sinais digitais para dentro do *software* de gravação. Contudo, munido apenas de um notebook básico, alguns *softwares opensource*, uma interface de áudio simples de um canal, um fone de ouvido e um microfone, o artista tem à sua disposição os meios para criar, gravar e distribuir sua obra.



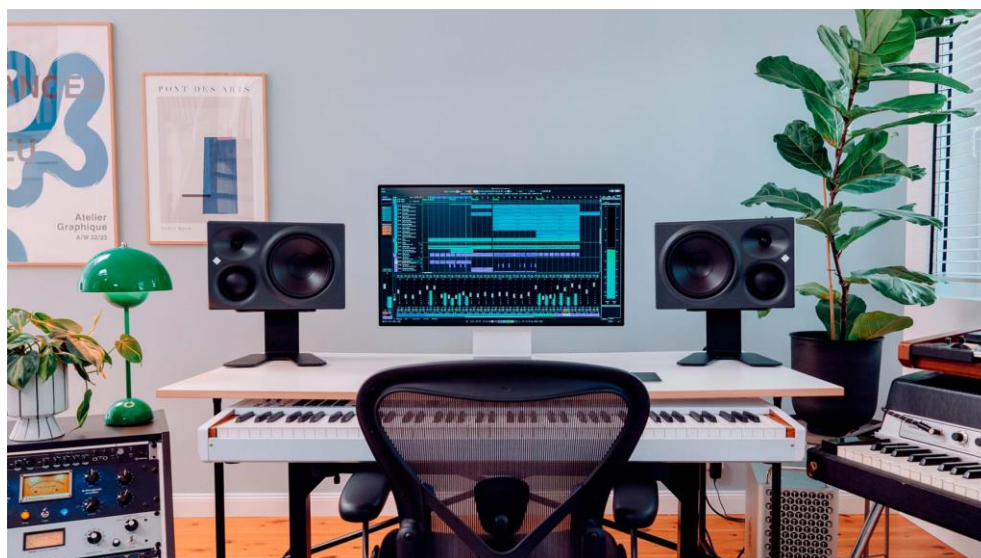


Figura 1 - Homestudio. Fonte: <https://www.steinberg.net/cubase/>

Pode-se observar, então, a emergência de um cenário no qual artistas e produtores passaram a tomar suas próprias decisões e a oportunidade para buscar destaque na concorrência do livre mercado independente. A gravação e divulgação de músicas tornaram-se acessíveis devido não apenas às facilidades tecnológicas, mas também ao surgimento de um novo público consumidor conectado diretamente aos músicos através da internet.

Apesar do clima de otimismo, na última década diversos autores como Galloway (2018), Gillespie (2014), Pariser (2012) e Van Dijck (2013) passaram a criticar as empresas originadas nas garagens californianas que, inicialmente alinhadas ao ideal descentralizador e libertário, evoluíram para se tornar gigantes corporativos. Tais autores argumentam que essas empresas atuam de maneira predatória, através de um poder financeiro e político nunca visto (PEREIRA, 2020).

O *home studio* será utilizado como um símbolo, conectado ao mundo mediado pelas novas dinâmicas e capacidades tecnológicas, representando a contradição californiana. De um lado o otimismo associado à democratização e à liberdade social; do outro, um ambiente vigiado pelas ferramentas digitais e os algoritmos. Um reduto individual que revela uma



submissão às complexas dinâmicas da automatização de competências, da coleta de dados e do capitalismo de vigilância.

A lógica a ser desenvolvida elabora um pensamento que não é necessariamente pessimista, mas busca reafirmar que as dinâmicas de produção e consumo que são experienciadas atualmente estavam latentes desde suas origens. Essas dinâmicas implicam a ilusão e até mesmo algum grau de liberdade e autonomia quanto a um mercado mais tradicional dos grandes conglomerados midiáticos, mas, ao mesmo tempo, revelam a inevitável pertinência e submissão ao capitalismo mais atual.

Quando olhamos para o presente cenário informacional, percebemos o quanto estamos sendo influenciados por essas dinâmicas impensáveis antes da capacidade tecnológica atual. O mundo comum vem sendo convertido em um mundo que é computacional, o que permite reordená-lo e desmontá-lo em pequenos pedaços que podem ser remontados de maneiras diferentes e diversas (PASSOTH, 2020). Ponto de vista intrinsecamente ligado ao conceito de *datificação* – a tendência de converter as várias facetas da vida em dados que, ao serem processados, passam a ser percebidos como outras informações de valor (SCHUTT E O'NEIL, 2013).

Se voltarmos ao início do século XX e pensarmos no legado deixado por personagens da história da música como Richard Wagner, Richard Strauss e Gustav Mahler, o ápice do romantismo teutônico, esses compositores necessitavam de anos de estudo acerca de arranjos musicais, harmonias, melodias, ritmos e o desenvolvimento de um estilo pessoal. Por sua vez, ambiente do *home studio* ressignifica várias destas demandas e habilidades a partir da automação computacional. Inspirado pelo trabalho de Alan Turing, Daniel Dennett (2017) aborda o tema da *competência sem a compreensão*, referindo-se a situações nas quais um indivíduo ou sistema, demonstra a habilidade de realizar tarefas sem necessariamente ter uma compreensão profunda das razões ou princípios subjacentes a essas ações. Ao examinarmos os atuais *softwares* e inteligências artificiais, isto é, ao contemplar a automação dessas competências, torna-se evidente que as habilidades que antes exigiam anos para serem

dominadas podem agora ser realizadas com apenas alguns cliques do mouse. O que não significa necessariamente que será possível compor como os mestres alemães.

Outra diferença significativa entre o passado e o presente é que quando os compositores escreviam suas peças e arranjos para os diferentes naipes da orquestra (madeiras, metais, cordas, percussão), em geral o faziam ao piano, um instrumento que abrange a extensão completa das notas musicais em suas 88 teclas. Se consideramos a orquestra sinfônica do período romântico, esta poderia ter mais de cem músicos a executar uma ópera, sinfonia ou mesmo um poema sinfônico. Ou seja, o resultado da composição poderia ser constatado somente nos ensaios para a *première* do concerto.

No entanto, nos dias de hoje, a composição e seu resultado são instantâneos, bastando confiar no trabalho de empresas desenvolvedoras de timbres, que utilizam amostras de som de instrumentos reais e se encarregam de programar sons prontos para uso em estúdio. Um exemplo notável é o *Kontakt*, produzido pela Native Instruments, um dos programas mais renomados para o *sampleamento* de sons. Na imagem a seguir, à direita, há um painel de seleção de timbres, abrangendo pianos, metais, cordas, entre outros. À esquerda, encontra-se um instrumento carregado na memória RAM do computador, neste caso, um conjunto de cordas representando os cinco naipes da orquestra sinfônica (primeiros e segundos violinos, viola, cello e contrabaixo acústico).

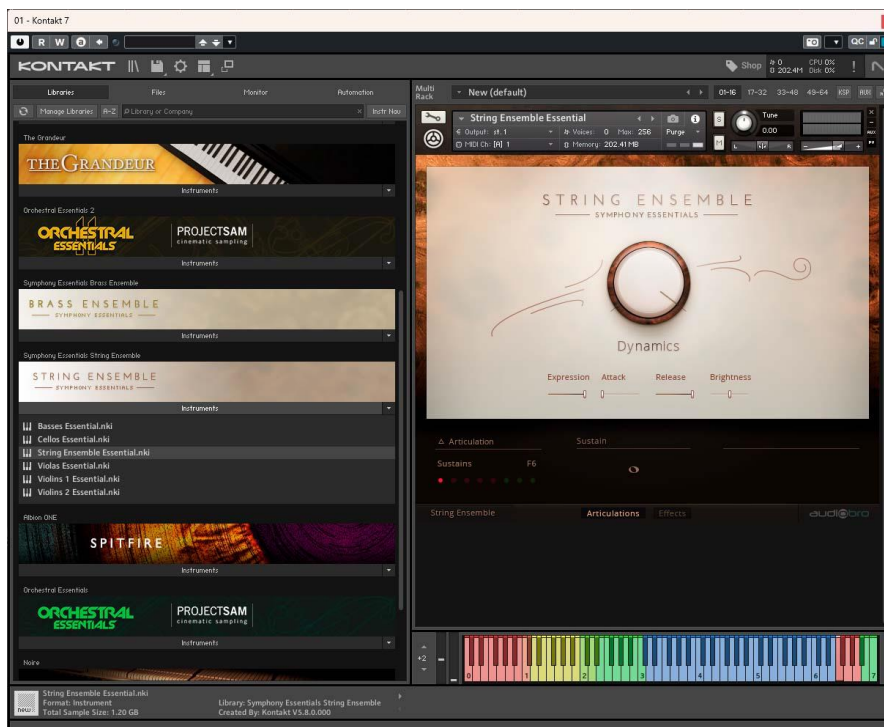


Figura 2 – Kontakt 7 – Fonte: <https://www.native-instruments.com/en/products/komplete/cinematic/symphony-series-string-ensemble/>

Observando as possibilidades contidas em programas como o *Kontakt*, a mudança de paradigma que está sendo traçada problematiza a ideia de trabalho solitário do produtor musical no *homestudio* que pode, por exemplo, fazer um artista solo soar acompanhado por uma orquestra completa. No entanto, faz-se importante pensar também na automatização dos processos, questionando o quanto um programa de *samples* e/ou um *software* de gravação/edição direcionam os arranjos.

A escassez, seja de tempo, recursos ou oportunidades, sempre desempenhou um papel catalisador na criatividade. Entretanto, o cenário atual de uma evolução constante com o avanço tecnológico apresenta uma miríade de ferramentas e informações acessíveis, proporcionando facilidades em vários aspectos. No estúdio moderno é possível encontrar simulações digitais de inúmeros sons e equipamentos, geralmente listados e automatizados

em *presets*<sup>4</sup>. Paradoxalmente, essa abundância tecnológica pode levar, em alguns casos, à adoção de padrões predefinidos, o que pode estar ocasionando uma homogeneidade nas produções.

A utilização de padrões melódicos, cadências harmônicas e escalas é uma constante na história musical desde seus primórdios. Tanto que é através de tendências dos padrões e semelhanças estéticas que podemos entender um vasto conjunto de compositores, ou mesmo, culturas inteiras, como pertencentes a um estilo, vide o supracitado romantismo teutônico. Neste sentido, a padronização (ou *preset*) é algo aderente a esse contexto musical.

A discussão em jogo, contudo, é de outra ordem. Anteriormente, o compositor necessitava de um conhecimento prévio para pensar que timbre ou harmonia seria utilizado. Agora, a disponibilidade de *presets* pode tornar a produção musical acessível a um público mais amplo, permitindo artistas iniciantes e independentes criarem músicas sem a necessidade de habilidades avançadas. Uma abordagem interessante seria analisar a quantidade abundante de automatizações de timbres, padrões rítmicos e melódicos, efeitos e simulações e o tempo disponível para efetivamente utilizá-los. A limitação deste recurso pode resultar em um foco mais conservador e a recursão aos mesmos padrões. Mas, muitas vezes sem o conhecimento prévio, isso pode resultar em uma prática de *copia e cola*, diminuindo a inovação e a exploração criativa.

A dimensão desta limitação pode ser melhor compreendida a partir das digressões de Barry Schwartz (2005). Em, *The paradox of choice: why more is less*, Schwartz narra um episódio que funciona como metáfora para entendermos essa questão da abundância de ofertas e do tempo de escolha, na premissa do *mais é menos*. No episódio mencionado, Schwartz descreve a situação na qual precisou comprar uma calça jeans nova. Ao entrar em uma loja da GAP com a intenção de escolher um modelo regular, encontrou-se diante de uma

---

<sup>4</sup> São as configurações de parâmetros das ferramentas de um determinado software, que podem ser salvas e resgatadas posteriormente. Geralmente, os *presets* disponíveis de fábrica, são feitos por engenheiros de som, ou então, providos por artistas renomados, como produtores de áudio e músicos. Configurações que miram em fórmulas já consagradas, afim de fornecer ao usuário resultados que atendam o padrão da indústria.

variedade de estilos e formatos apresentados pela vendedora. A multiplicidade de opções na loja resultou em uma mudança de sua clareza inicial para confusão, destacando assim, o impacto da abundância de escolhas na tomada de decisões.

Diante das alternativas, decide experimentar todos os modelos, esperando encontrar algo que pudesse superar o conforto das suas antigas calças. Porém, essa abordagem revelou um dilema: o tempo necessário para tomar uma decisão aumenta exponencialmente à medida que o número de escolhas cresce. A situação que inicialmente parecia simples e direta se transformou em um processo de análise e comparação que consumiu tempo e energia.

Segundo Schwartz existem dois tipos de pessoas: os *satisficers* e os *maximizers*. Em síntese, o primeiro analisa todas as escolhas disponíveis em seu horizonte e toma a decisão. Em contraste, os *maximizers* focam em opções que atendam a requisitos básicos, evitando analisar todas as possibilidades. Essa dicotomia entre buscar a excelência e estabelecer critérios mais realistas destaca como a escassez pode simplificar a tomada de decisões e possivelmente influenciar a criatividade ao direcionar a atenção para alternativas mais facilitadas. A questão reside no fato de que a “facilidade” oferecida por uma tecnologia parece depender de soluções sofisticadas de *design* estabelecidas em padrões predefinidos, automatizando assim, o processo de tomada de decisões.

## INFORMAÇÃO, ALGORITMOS E AUDIBILIDADE

A conversão do mundo em um mundo computacional, a *datificação* e automatização de competências impregnaram a música com ideias oriundas da lógica da Ideologia Californiana. Assim, o que foi inicialmente investigado por meio da simbologia do *home studio* como um representante da facilitação dos processos criativos, no que toca à composição e à produção musical, agora será examinado pela ótica da economia de plataforma, ou seja, pela ótica do viés voraz capitalista.

“A plataformização é definida como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores

econômicos e esferas da vida” (POELL *et. Al*, 2020, p.2). Trata-se de uma economia na qual os dados dos usuários são interpretados como unidades ou ativos, constituindo uma rede de recursos informacionais. Neste contexto, os *dados e informações* estão atrelados à esfera semântica do *capitalismo de vigilância*, uma variante do capitalismo moderno, que Shoshana Zuboff considera:

uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração (de dados), previsão e vendas; uma lógica parasítica na qual a produção de bens e serviços é subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamento (ZUBOFF, 2021, p. 13).

Entende-se assim, que artistas/produtores e usuários/público desempenham esse papel de matéria-prima nas plataformas. Tanto do ponto de vista dos fonogramas, uma vez que os primeiros os abastecem com conteúdo, quanto aos metadados, deixados por qualquer um que use a plataforma. Ambos os atores são participantes ativos das dinâmicas de consumo e apreciação musical introduzidas pelos novos modelos de negócios, representados aqui pela *playlist*. São modelos de negócio que criam perfis dos dados coletados, para realizar as recomendações personalizadas, automatizados em sistemas que visam “(1) coletar traços digitais de um/a usuário/a, (2) cruzá-los com traços digitais de outros usuários/as e (3) com outros metadados para (4) formar um perfil virtual composto (isso é, uma identificação digital que não simétrica à pessoa atual)” (DEMARCHI, 2020, p. 236).

Portanto, a verdadeira essência das plataformas não reside estritamente nas músicas em si, mas sim na curadoria das *playlists*. Reflexão que endossa o argumento da individualização, principalmente quando observado pelo viés da emergente concepção do *gosto neurológico*, diverso das usuais classificações de gosto estabelecidas pela filosofia e pelas ciências sociais (DeMARCHI *et al*, 2021). Neste sentido, a individualização parte da grande quantidade de dados privados, com a finalidade de despertar sensações e o desejo dos usuários em se manterem conectados às plataformas. Mais uma vez a ambiguidade californiana: de um movimento de coleta coletivo busca-se afirmar preferências individuais.

“Afim, as possibilidades de ampliação de ofertas se abrem consideravelmente se o ‘gosto’ de um usuário for fragmentado e combinado com fragmento de milhões de outros” (DeMARCHI, 2020, p. 236). Sendo assim, o principal objetivo dessas práticas é manter o consumidor engajado pelo maior tempo possível, visando lucrar tanto com a venda de publicidade quanto com sua satisfação quando opta por renovar sua assinatura mensal.

Nesse sentido, programa-se uma IA para funcionar como um estimulante do corpo humano: os algoritmos reúnem dados sobre o que os indivíduos mais ou menos gostam de ouvir, calculam uma série de probabilidades de novos arquivos que podem vir a agradar, inserindo-os no fluxo de música reproduzidas pela plataforma, o que deve ter como resultado uma sensação de satisfação em cada usuário/a. Caracteriza-se, assim, uma forma de economia libidinal que responde à lógica de estímulo-e-resposta de um organismo às informações inseridas no sistema (DeMARCHI *et al*, 2021, p. 17 e 18).

Outro fator preponderante é a diversidade de estímulos e linguagens presentes nas plataformas, resultando numa sobrecarga e sobreposição de informações. Uma ambiência super informacional, evidenciada através das dinâmicas de produção dos *home studios* com mais artistas gravando, produzindo e divulgando, assim como também através dos efeitos das *playlists* personalizadas e anúncios direcionados, cuja intenção final é aumentar o engajamento dos usuários. Entende-se, assim, que a percepção, e mesmo o gosto, vêm sendo influenciados por dinâmicas algorítmicas das plataformas. Assim, vigilância e atenção se tornam elementos-chave para a discussão acerca da emergência de novas formas de escuta.

As tecnologias midiáticas digitais que emergiram não devem ser observadas apenas como novos canais para a obtenção de informação, mas também como agentes capazes de produzir mudanças cognitivas e sensoriais, ecoando ainda o velho McLuhan. O exemplo clássico de Friedrich Kittler (1999), que remonta a Nietzsche e os impactos do uso da máquina de escrever. A máquina foi inicialmente concebida para oferecer às pessoas com deficiência visual uma maneira de escrever. O caso de Nietzsche é exemplar aqui, uma vez que no final de sua vida passou a depender dessa ferramenta para dar continuidade ao seu trabalho. O resultado disso foi a transformação de seu estilo de escrita, tornando-se mais



compacto e aforístico em comparação com suas obras anteriores. Um século depois, Nicholas Carr (2011), percebe o mesmo potencial de mudança ao se referir a transição de uma cultura letrada para a digital.

Comecei a perceber que a *net* estava exercendo uma influência muito mais forte e mais ampla sobre mim do que o meu velho PC solitário jamais tinha sido capaz. Não era apenas que eu estava despendendo muito mais tempo defronte a uma tela de computador. Não era apenas que tantos dos meus hábitos e rotinas estavam mudando porque me tornei mais acostumado com, e dependente dos, *sites* e serviços da *net*. O próprio modo como o meu cérebro funcionava parecia estar mudando. Foi então que comecei a me preocupar com a minha incapacidade de prestar atenção a uma coisa por mais do que uns poucos minutos. Primeiramente tinha imaginado que o problema era um sintoma de deterioração mental da meia-idade. Mas o meu cérebro, percebi, não estava apenas se distraíndo. Estava faminto. Estava exigindo ser alimentado do modo como a *net* o alimenta — e, quanto mais era alimentado, mais faminto se tornava. [...] Sentia saudades do meu antigo cérebro (CARR, 2011, p.24 e 25).

A aposta é que algo semelhante está ocorrendo com a escuta. No século XIX, os ouvintes precisavam ir ao teatro para apreciar a música de uma orquestra. Na metade do século XX, a busca por essa experiência auditiva se ampliou com o surgimento de catálogos de edições de discos. Agora, as plataformas digitais nos colocam diante de um acervo que, comparada à vida média do humano, se estende ao infinito.

Ao que parece, aproximamo-nos de regimes de escuta compatíveis com a Ideologia Californiana, atualizada na cultura das plataformas: a aparente disponibilidade de incontáveis músicas para o usuário ouvir, ao final, o que lhe seria absolutamente particular, singular e, assim, de algum modo restrito. Ouvimos agora o eco infindável que alardeia o slogan e lógica paradoxal germinada com a Ideologia Californiana: seja único... como todos os seus amigos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o projeto tecnológico da Ideologia Californiana, intrinsecamente ligada à noção de individualismo, mas também à noção do coletivo, produziu reflexos na produção e no consumo musicais contemporâneos. Reflexos que podem ser observados

brevemente nesta pesquisa a partir das figuras icônicas dos *home studios* e das plataformas de *streaming*. Tais ícones revelam dinâmicas da vida hodierna que parecem sugerir uma experiência auditiva em processo de transformação. Escuta essa que parece guardar um paralelo com o que sugere Carr quando aborda afetações cognitivas e sensoriais implicadas com tecnologias recentes. “A mente linear, calma, focada, sem distrações, está sendo expulsa por um novo tipo de mente que quer e precisa tomar e aquinhoar informação em surtos curtos, desconexos, frequentemente superpostos (...)” (*ibid*, p.18). A singularidade dos tempos agora seria que esses nacos de informações que soavam sem sentido agora são significados como parte da singularidade de quem os escuta, ou seja, de quem usa a plataforma – e uma vez reconhecido por esta, através dos algoritmos, reconheceria a si mesmo, como “único”.

Em consonância à Ideologia Californiana, particularmente à ambiguidade que traz em seu bojo – confundindo ideais libertários e práticas normativas e de vigilância – propomos um reenquadramento das práticas de produção, de distribuição e, principalmente, da escuta musicais que refletem esse legado tecnológico. E como metáfora do que propomos, recorreremos à velha imagem do nó borromeano da topologia matemática. Sob esta perspectiva, o nó borromeano consistiria em três enlaces, ou nós, superpostos e interdependentes, de modo que a remoção de qualquer um deles desataria simultaneamente todos os outros.

O cenário cultural tecno-midiático hodierno ata, assim, uma trinca de binômios complementares que ajudam a compreender a complexidade dos processos de produção, de distribuição e de fruição da escuta musical em meio às tecnologias disponíveis geradas pelo sonho californiano: vigilância/atenção, liberdade/singularidade e mercado/plataformas, resultando em uma modelo de escuta modulada que precisará, ainda, ser melhor explorada e conhecida.

Esperamos que o presente artigo sirva como um convite para outras explorações em torno daquilo que nos constitui e nos singulariza como espécie – e que pode ser entendido

como o tema aglutinador de todas as reflexões aqui apresentadas –, a saber, música e tecnologia.

## REFERÊNCIAS

BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. **A Ideologia Californiana**: uma crítica ao livre mercado nascido do Vale do Silício. Porto Alegre, Editora Monstro dos Mares, 2018.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro, Agir, 2011.

DEMARCHI, Leonardo. Pós-streaming: um panorama da indústria fonográfica na Quarta Revolução Industrial. In: MAGI, Erica; DEMARCHI, Leonardo (Orgs.) **Diálogos interdisciplinares sobre a música brasileira**. Unesp. Cultura Acadêmica Editora, 2020.

DEMARCHI *et al.* O gosto algorítmico: A lógica dos sistemas de recomendação automática de música em serviços de streaming. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, Unisinos, v. 23, n. 3, p. 16-26, setembro/dezembro 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22964>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

DENNETT, Daniel C. **From bacteria to Bach and back**: the evolution of minds. W.W. Norton e Company, New York, London, 2017.

FISHER, Mark. **Capitalist realism: is there no alternative?**. Winchester, UK e Washinton, USA, Books, 2009.

GALLOWAY, S. **Os quatro**: Apple, Amazon, Facebook e Google – O Segredo dos gigantes da tecnologia; Alta Books, 2018.

GILLESPIE, T. **The relevance of algorithms**. Media technologies: essays on communication, materiality, and society. v. 167, n. 2014, p. 167, 2014.

GUMBRECHT, Hans. **Produção de presença**. Tradução: Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora LTDA e Editora PUC-RJ, 2010.

KITTLER, Friedrich. **Gramophone, film, typewriter**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

MORE, Max. **On becoming posthuman**. Extropian Journal, 1994. Disponível em: <https://github.com/Extropians/Extropy/blob/master/Extropy-01.pdf> Acesso em: 29 de nov. de 2023.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PASSOTH, Jahn-H. Music, recommender systems and the techno-politics of platforms, data, and algorithms. In: MAASEN, Sabine; DICKEL, Sascha; SCHNEIDER, Christoph (org.) **TechnoScienceSociety: technological reconfigurations of science and society**. Chapter 9, Springer Nature Switzerland AG, 2020.

POELL, Thomas. Plataformização. Tradução: Rafael Grohmann. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, Unisinos, v. 22, n. 1, p. 02-10, janeiro/abril 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

SCHUTT, Rachel; O’NEIL, Cathy. **Doing data science**. O’Reilly: Sebastopol, CA, 2014.

SCHWARTZ, Barry. **The paradox of choice: why more is less**. New York, Harper Collins, 2005.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity: a critical history of social media**. Oxford University Press, 2013.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

MENINI, Thiago; PEREIRA, Vinicius Andrade. Escuta, atenção e vigilância: influência da Ideologia Californiana na música. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 20, pp. 05-23, 2023.